

A Rainha do Castelo de Ar

Stieg Larsson

Personagens atuantes:

Lisbeth Salander: vítima de complô judiciário;
Ronald Niedermann: filho de Zalachenko e meio-irmão de Salander;
Alexander Zalachenko: espião russo, pai;
Mikael Blomkvist: jornalista da Millenium;
Annika Giannina: advogada, irmã de Mikael;
Jan Bublanski: investigador-chefe;
Richard Ekström: promotor, encarregado do processo;
Evert Gullberg: chefe da Seção de Análise Especial (a Seção);
Peter Teleborian: médico psiquiatra;
Benny Nieminen: substituiu Magge Lundin na chefia da MC Svavelsjö, empresa de fachada, que desenvolvia comércio de drogas e outros crimes.

O romance é o último da trilogia que tem por assunto central (segundo e terceiro volumes) a perseguição a Lisbeth Salander, movida por um complô político-judiciário.

Lisbeth continua a figura principal, embora, neste volume, tenha a atuação reduzida — primeiro, recolhida ao hospital; depois, à prisão. Só na cena final (epílogo) desenvolve sua destreza como guerreira (uma espécie de amazona). Nesta cena completa-se o que, na trama, ainda estava pendente: o acerto de contas com o meio-irmão Ronald Niedermann e Benny Nieminen. Zalachenko, pai e causa-motora de todo o drama de Lisbeth, havia morrido no hospital, assassinado por Gullberg, criminoso chefe da Seção de Análise Especial, a famosa Seção que, à margem do Estado, enveredou pelo crime.

É antológica a parte da obra que desenvolve o julgamento de Lisbeth Salander no Tribunal. Clímax muito bem estruturado em torno do embate entre a defesa, exercida pela advogada Annika Giannina, e a acusação, exercida pelo promotor Richard Ekström.

Foi surpreendente! A acusação, que dominava a cena, julgando-se irretocável, passando a impressão para o público de que a defesa sofreria fragorosa derrota e que Lisbeth seria enviada para o manicômio, viu-se enredada por uma hábil advogada, levemente subestimada.

Annika Giannina concentrou-se na principal testemunha da acusação, o psiquiatra Peter Teleborian, demolindo-o argumento por argumento, abatendo-o até ser preso em pleno Tribunal. Sucesso raro: a acusação desmontou, penosamente, do alto pedestal em que se havia colocado.

A obra de Stieg Larsson foi bem estruturada, desenvolvendo a trama quase que linearmente, de forma clara e bem convincente. Mostra, exemplarmente, como, mesmo numa democracia consolidada, podem enquistar-se, no aparelhamento do Estado, bolsões de grupos perigosos, capazes de romper a fronteira da legalidade, e que acabam por enveredar pela criminalidade num processo sem volta.

(LARSSON, Stieg. *A Rainha do Castelo de Ar*. Trad. de Dorothée de Bruchard, São Paulo, Cia das Letras, 2009.)